A Descendência de Antônio Leite de Chaves e Melo

CARLOS FEITOSA

No comêço do século XIX, regia os destinos do Ceará, como seu 2º Governador, depois de separado de Pernambuco, João Carlos Augusto de Oeynhausen, fidalgo português. Um único feito assinalou a passagem do seu govêrno na então Capitania do Ceará-Grande. Trata-se da prisão de dois oficiais superiores da Quinta Companhia do Regimento de Cavalaria da Vila Nova d'El-Rei, o Coronel Manuel Martins Chaves e seu sobrinho o Capitão Francisco Xavier de Araújo Chaves, êste, avô do legendário General Sampaio, Patrono da Infantaria do Exército Brasileiro (1).

Os prêsos eram indigitados como os mandantes do assassínio de Antônio Barbosa Ribeiro, eleito Juiz Ordinário da Vila, por intercessão do Governador Montaury (2). O tempo se encarregou de desfazer a gratuita acusação, pois, conforme diz Leonardo Feitosa, que exaustivamente estudou o assunto, os seus autores intelectuais foram o Tenente-Coronel Antônio da Costa Leitão e o Capitão-mór Bernardino Gomes Franco. O primeiro, irmão de Martins Chaves, e o segundo, sobrinho. E que o Coronel, por ser o representante máximo da família, arcou com as dolorosas consequências do delito, advindo-lhe, por tão altivo gesto, flagícios e morte (3).

Esta prisão, que tanta celebridade emprestou ao seu autor, não se teria efetivado se não fôra "a atividade e inteligência do Ajudante de Cavalaria José Leite" (4).

Êsse José Leite, de quem fala João Carlos, é o General Alexandre José Leite de Chaves e Melo. Segundo o Barão de Studart, descendia de distinta família da Ilha Terceira, do arquipélago dos Açôres (5).

Alexandre José Leite era o homem de confiança de João Carlos. A êle foi confiada a guarda dos prêsos e condução dos mesmos para o Recife e daí para Lisboa (6).

Em ofícios reiterados para a Côrte, nos quais insistia na permanência da prisão de Manuel Martins, o Governador invocava o testemunho de Alexandre, como se vê nêste passo: "V. Excia. melhor poderá averiguar do Ajudante de Cavalaria que conduziu os prêsos" (7).

Já a esta época Alexandre se havia notabilizado pelos serviços prestados a Sua

Majestade, no Reino e nas Colônias, consoante o dizer do Governador, em ofício, no qual propugnava pela recompensa de tais trabalhos, a que assim aludia: "O Ajudante de Cavalaria José Leite, o qual pelos bons serviços, tanto no Reino, como nesta Colônia, eu recomendo à proteção de V.A.R., rogando-lhe o queira promover no posto de Sargento Mor de Milícias adido às minhas ordens, pois que a sua atividade e inteligência me he necessária enquanto V.A.R. me empregar nesta, ou em outra qualquer colônia" (8).

Efetivamente, por decreto de 30 de agôsto de 1806, S.A.R. accedeu ao pedido do Governador, promovendo Alexandre José Leite de Chaves e Melo ao pôsto de Sargento-mór (9).

A 29 de setembro do mesmo ano, terminada a incumbência que o fêz ir a Portugal, Alexandre regressa de Lisboa, na galera "Felicidade", trazendo as credenciais de João Carlos despachado para o Govêrno de Mato Grosso, tendo chegado a Fortaleza a 17 de janeiro de 1807, depois de haver aportado no Maranhão (10).

Tendo ciência do novo pôsto para onde teria de seguir, João Carlos pede por Ajudante de Ordens, naquela Província, a Alexandre. Não sabemos se o Governador foi atendido ou não. Falece-nos documentação a respeito das atividades de Alexandre no interregno de 1807 a 1817, quando vamos encontrá-lo no pôsto de Coronel, Comandante das Fronteiras e Inspetor das Milícias do Jaguaribe, época em que põe novamente em ação a sua atividade e inteligência, impedindo que a Revolução do Equador, que subvertia a ordem nas Capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, se alastrasse até o Ceará.

O Governador Sampaio dá-lhe ordens enérgicas, que são cumpridas prontamente.

Na qualidade de Comandante de Fronteiras, estabelece piquetes nos caminhos que iam ter às capitanias sublevadas, e elege São Bernardo das Russas para seu quartel general, por ser o lugar mais indicado para as suas operações, em virtude da equidistância dessa localidade com a Capital, com as Capitanias conflagradas e, enfim, com as vilas, sedes de corpos milicianos, aos quais tinha ordenado, como Inspetor das Milícias, que confluissem para São Bernardo.

Quando o Crato aderiu à causa da Revolução, o Governador mandou o então Coronel Leite marchar sôbre o Cariri, a fim de sufocar a revolta.

Tomadas aquelas medidas preliminares, e quando se aprestava para descer sôbre o Cariri, eis que recebe, oriundos do Crato, onde já havia sido deflagrada a contra-revolução, os prêsos: irmãos Alencares (Tristão e o padre Carlos), Francisco Pereira Maia, Pereira dos Santos e José Francisco de Gouveia Ferraz, que enviou para Fortaleza.

Recebidos os reforços normais constantes de tropas regulares, contingentes de índios e tropas de milícias, e como já não fôsse mais preciso marchar sôbre o Cariri, ordenou se postassem piquetes nas estradas que davam acesso às Capitanias vizinhas, e marchou em fins de maio para o Rio Grande do Norte, onde pacificou o Apodi, Martins, Porta Alegre e Pau dos Ferros, fazendo numerosas prisões e obrigando os povos a acatar o govêrno português.

Continuando a sua marcha, penetrou na Paraíba, restituindo a paz aos povos do Rio do Peixe, Pombal e Piancó, fazendo prender os cabeças do movimento.

Cumprida a sua missão, no centro da Paraíba, o Coronel Leite retornou, em princípios de junho, ao Crato, onde recebeu da população estrondosas manifestações de adesão à dinastia portuguêsa, o que não impediu que êle, cumprindo

os seus deveres de soldado, fizesse inúmeras prisões, volvendo em seguida a Fortaleza, conduzindo os presos havidos.

No Crato, além dos três irmãos Alencares — José Martiniano, Tristão e o padre Carlos —, o Coronel Leite prendeu d. Bárbara, mãe dos precedentes e ainda o padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, amigo especial da família Alencar, patrocinadora da insubmissão.

Êstes foram os principais acontecimentos pelos quais ficou conhecido na crônica histórico-militar do Ceará o General Alexandre José Leite de Chaves e Melo (11).

Narra a tradição, com alguns repontes documentários, que S. Excia. trouxe da terra natal dois irmãos: Leandro Leite Chaves e Melo e Francisco Álvares Afonso Leite de Chaves e Melo, que no Brasil viveram e deixaram frondosa descendência. O primeiro ter-se-ia localizado no Rio Grande do Norte, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, deixando prole numerosa e ilustre (12).

Francisco Álvares Afonso se radicara no Rio Grande do Norte, onde deixara muitos filhos, entre os quais: Manuel Álvares Afonso Leite, Maria Afonso de Chaves e Melo Pereira (**Mariazinha**), Antônio Leite de Chaves e Melo e Alexandre Leite de Chaves e Melo.

Mariazinha casou-se com o português Francisco Emiliano Pereira, latinista e educador de grandes méritos, tendo sido professor de seu sobrinho o Senador Almino Álvares Afonso. Sua filha Maria Joaquina Chaves (**Marocas**) casou-se com o primo Ildefonso Leite de Araújo Chaves e Melo, referido em páginas adiante.

Manuel Álvares Afonso Leite, que não usava o restante do sobrenome: de Chaves e Melo, morava entre Patu e Martins, no Rio Grande do Norte, tendo deixado dois filhos: Francisco Manuel Álvares Afonso e Viriato Afonso. Viriato foi Coletor em Independência (Ceará) e Advogado em Martins e Francisco Manuel é o pai do Senador Almino.

Manuel Álvares vivia de comprar e vender gado. Neste mister passava tempos esquecidos na fazenda "Santa Luzia" de Joaquim de Araújo Chaves, aqui no Ceará, onde era bem acolhido. Joaquim era filho de José de Araújo Chaves, da "Várzea do Boi".

Tratava-se de pessoa bem iniciada na vida, de bons costumes, filho de marinheiro, por conseguinte gente que se recomendava pela presunção de sangue limpo. E — quem sabe? —, talvez trouxesse nas veias alguns laivos de sangue azul, ou o sangue refinado de algum morgado. Ajunte-se a tôdas estas idéias que perpassavam na mente de d. Luzia de Matos Vasconcelos — assim se chamava a espôsa de Joaquim —, a beleza de Manuel. Por tudo, não tardou que em d. Luzia desabrochasse o desejo de ver uma de suas filhas casada com Manuel. E, concebida a idéia, logo externou ela os seus pensamentos.

Afinal, cedendo aos impulsos, interpelou Manuel, cientificando-lhe do que lhe ia n'alma.

Só então Manuel declarou-lhe o seu estado civil. Era casado. Contudo, não havia de ser nada, afirmou êle. Tinha dois irmãos solteiros no Rio Grande. Iria mandar buscá-los para casá-los com as filhas de d. Luzia.

Com efeito, do Rio Grande vieram os irmãos Antônio e Alexandre, que se casaram, respectivamente, com Josefa e Ana, e tiveram muitos filhos, como remataria um romancista (13).

Fato singular ocorreu com a realização dêstes dois casamentos, que as famílias,

ora entrelaçadas, talvez não tenham se advertido, esquecidas dele, pela sucessão dos anos em que foi praticado. É que os irmãos Antônio e Alexandre eram sobrinhos do General Alexandre José Leite de Chaves e Melo, de quem João Carlos disse que se não fôsse a "sua atividade e inteligência", não se teria realizado a prisão de Manuel Martins Chaves, tio-avô de Joaquim de Araújo Chaves e de d. Luzia de Matos Vasconcelos, seus sogros (14).

Antônio Leite era dotado de extraordinária capacidade de trabalho, que lhe deu opulência, aumentando-lhe, assim, a fidalguia. Fez fortuna e projetou-se na zona onde demorava como homem de prestígio.

Em sua fazenda "Alves" (15), situada no distrito de Vertentes (hoje Iapi), do município de Independência, fêz erguer uma casa assobradada, de cunho solar, de que hoje só restam os alicerces, única naquelas paragens, com o conforto que proporcionava ao tempo em que, majestosa, dominava o outeiro no qual estava assentada.

Distante duas léguas ao nordeste de sua fazenda, estava encravada a povoação de Santa Luzia, antiga fazenda do Tenente Joaquim de Araújo Chaves, constante de antigas cartas geográficas do Estado e onde existia uma capela sob a invocação de São Vicente Férrer, que mandara construir o dito senhor, segundo a tradição, pelos idos anos de 1760 a 1770.

Dada a atividade desenvolvida por Antônio Leite, e com a morte de Joaquim de Araújo Chaves, não tardou que Santa Luzia entrasse em franca decadência, sendo absorvida por Vertentes que crescia a passos acelerados. Todavia, sòmente em 1839 foi-lhe ministrado o golpe de morte, quando a sua capela derruiu em consequência de sua péssima construção, feita de barro e pedras redondas (16).

Foi o momento azado para que Antônio Leite desse execução ao plano de fazer de Vertentes uma vila. Com o fim de objetivar os seus desejos, Antônio Leite doou não só o terreno urbano, necessário à ereção de uma igreja condigna, com suficiência para se construir o casario em forma de arruado com o que aumentou o patrimônio do Padroeiro, como também, rural, onde se instalou uma fazenda de criar. Foi Procurador e Vaqueiro do Santo o seu irmão Alexandre, que ocupou o cargo até o dia de sua morte, que se verificou a 24 de junho de 1883 (17).

De fato, em 1855, Alexandre Leite, dispondo dos recursos do Santo, fêz erguer a imponente Igreja, bem proporcionada, que ainda se pode contemplar com orgulho e que se eleva altaneira, guardando e protegendo a vida espiritual dos seus filhos laboriosos e tementes de Deus (18).

Quando Antônio Bezerra de Meneses passou em Vertentes, em peregrinação pelo norte do Estado à cata de elementos para o livro "Notas de Viagem", teve palavras lisongeiras para Vertentes, então florescente, notando-lhe "um certo ar de prosperidade, que não se encontra na quase desabitada Independência (19).

Vertentes atingiu o fastígio de sua evolução política com o Decreto nº 42, de 13 de agôsto de 1890, que lhe deu a categoria de município, recebendo o núcleo do mesmo nome o predicamento de cidade. Foi a concretização dos sonhos de Antônio Leite, alcançados pelo Coronel Manuel Vieira Gomes Coutinho, que êle Antônio não teve a ventura de ver, pois a morte — esta Parca inexorável — já o havia colhido (20). O município, que teve sòmente dois anos de existência, foi instalado pelo Des. Félix Cândido, ao tempo, Juiz de Direito.

* * *

Antes de passarmos a descrever a geração de Antônio Leite, queremos apresentar uma figura de prol da família, vinda do Rio Grande do Norte. Foi ela o Capitão Tomaz José Leite de Chaves e Melo, que no Crato deixou vergônteas exponenciais que se projetaram com grandeza na vida política e social da Província. Reporto-me ao Dr. Leandro de Chaves e Melo Ratisbona, ao Dr. Tomaz José Leite de Chaves e Melo, a Joaquim Secundo Chaves e a Leandro Bezerra Monteiro.

O Capitão Tomaz era casado com Antônia Joaquina de Sá Barreto, filha do Capitão-mor Antônio Bezerra de Meneses e de d. Ana Angélica de Jesus de Sá Barreto.

Sabemos que êle provém da mesma família a que pertencia o General Alexandre (21), porém, à falta de elementos seguros, não nos foi possível tirar a sua relação com êste rebento glorioso. Todavia, convém seja ressaltado que numa questão judiciária, havida entre Antônio Leite e d. Luzia, do Espírito Santo, na qual se disputavam terras, e que marcou época, o primeiro teve, como defensor no fôro, o Dr. Leandro de Chaves e Melo Ratisbona, a quem chamava de sobrinho.

O DR. RATISBONA (22) que era bacharel, orador e jurisconsulto, representou com Bernardo Duarte Brandão, Barão do Crato, o Partido Liberal na Câmara dos Deputados Gerais e entrou duas vêzes em listas senatoriais (23). Por cinco vêzes foi eleito Deputado Provincial pelo Crato (24). Foi Catedrático de Português no Liceu do Ceará em 9 de outubro de 1857 (25), em cuja Galeria de Honra foi apôsto o seu retrato que ainda hoje ali se vê. Casou-se em janeiro de 1848 com sua prima-irmã Maria Senhorinha Ratisbona, filha do Capitão-mór Alexandre Correia Arnaud de Mascarenhas e de d. Maria Senhorinha Bezerra de Meneses, filha do Capitão-mor Joaquim Antônio Bezerra de Meneses.

Católico de convicções arraigadas, não tardou que se enfarasse com a política e por esta razão se transferisse à Paraíba do Sul, onde foi encontrá-lo o amigo de infância e parente, Dr. Leandro Bezerra Monteiro (26). Aí, juntamente com outros conterrâneos, como êle advogados, imprimiu movimento e brilhantismo ao fôro local, segundo o testemunho de Agripino Grieco (op. cit. nº 22).

De seu consórcio houve dois filhos dos quais um de nome Dr. Alexandre de Chaves e Melo Ratisbona, que se casou com d. Olímpia Riedel, neta do naturalista Riedel. Era Bacharel em Direito e foi Juiz Municipal na Paraíba do Sul, depois de haver exercido a magistratura no Acre.

O DR. TOMAZ JOSÉ LEITE DE CHAVES E MELO, formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, e que, marchando como Voluntário da Pátria, para a Guerra do Paraguai, faleceu em Corrientes na República Argentina.

O TENENTE-CORONEL JOAQUIM SECUNDO CHAVES, nasceu no Crato no dia 1º de junho de 1828. Casou-se com Maria Norões, sua parenta. Sendo católico e extremamente caridoso, prestou inestimáveis serviços aos seus conterrâneos na epidemia do Cólera-Morbo em 1862 e na de Varíola nos anos de 1879 e 1900 (27). Tornou-se Farmacêutico em novembro de 1864, estabelecendo-se. Em sua terra foi Presidente da Câmara e aos seus esforços muito devem a Cadeia Pública, o Seminário Diocesano e a Casa de Caridade do Crato (28). Faleceu a 7 de agôsto de 1902. Lá pelas eras de 1890, Secundo desfrutava de enorme prestígio político, como chefe que era, bem assim, como boticário e curandeiro.

LEANDRO BEZERRA MONTEIRO, foi Tabelião no Crato e marchou como Voluntário da Pátria, de lá voltando como Oficial. Novamente Tabelião, agora, porém, em Parati, no Estado do Rio, onde faleceu sem deixar descendência.

* * *

Não queremos encerrar esta introdução sem antes focalizarmos, ainda, estoutra personalidade de escol que foi o erudito Senador Almino Álvares Afonso. Era um humanista na acepção verdadeira da palavra. Conhecedor emérito das literaturas e história dos povos cultos, sôbre as quais discorria com a facilidade que lhe propiciava o dom da palavra fácil de que era dotado. Manejava com desenvoltura o latim.

O pai do Senador Almino, Francisco Manuel Álvares Afonso, era filho de Manuel Álvares Afonso Leite que, por sua vêz, era irmão de Antônio Leite, de cuja descendência ora nos ocupamos.

Nasceu êle a 17 de abril de 1840 na cidade de Patu no Rio Grande do Norte, que hoje tem o seu nome.

Sua mãe, d. Luisa Cândida Teles de Meneses, repousa no cemitério São João Batista de Fortaleza, lendo-se, em seu sepulcro, esta inscrição: "Natural da cidade de Aracati, Província do Ceará, casada no Rio Grande do Norte com Francisco Manoel Álvares Affonso, neto do Cap. mór Geraldo Bandeira de Moura, ficando viúva pobrezinha, educou heroicamente seus filhos". Em outro lado acrescenta-se: "Foi mãe dos advogados Minervino Álvares Affonso, Deocleciano Ribeiro de Menezes e Dr. Almino, naturaes daquela Provincia". Recita-se noutra face: "JUSTUS UT PALMA FLOREBIT SICUT CEDRUS LYBANY MULTIPLICABITURI". Foi com u'a mãe da têmpera e do espírito de luta de d. Luisa que se forjou a alma forte do Senador Almino que esteve à frente das causas do povo em seu tempo.

Depois de formado em Direito pela tradicional Faculdade do Recife, viveiro de grandes gênios, foi nomeado Secretário do Govêrno do Ceará, por decreto de 13 de março de 1874, "em atenção ao distinto merecimento e mais qualidade que concorrem" e exornam a personalidade do futuro Senador Almino. Por ato de 8 de maio de 1875, investiu-se na função de Juiz Municipal e de Órfãos dos Termos reunidos de Cascavel e de Aquiraz. Mais tarde, foi provido no cargo de Procurador Fiscal por decreto de 29 de outubro de 1879.

Senhor de vastos recursos oratórios, prestou, neste setor, relevantes serviços à causa da abolição dos escravos no Ceará, eletrizando as massas com os arroubos de sua palavra fluente.

Como historiógrafo, deu à publicidade, em Fortaleza, "Uma Nota sôbre os Quebra-quilos da Paraíba do Norte", em 1875, com o pseudônimo de Philopomen.

Na política, exerceu o mandato de Deputado à Constituinte Federal pelo Rio Grande do Norte, na 1a. legislatura, sendo eleito Senador, por 9 anos, na 2a.

É desta época um fato bastante singular havido entre êle e D. Pedro II que merece ser trasladado para estas páginas.

O Imperador em uma de suas sortidas na literatura do velho Lácio, em que punha de lado os deveres do Estado, estacou ante uma estrofe de Horácio através da qual não conseguia penetrar no pensamento do poeta.

Baldados foram os auxílios trazidos por alguns palacianos letrados, pois ne-

nhum deles satisfazia plenamente às exigências do fino gôsto de Sua Majestade Imperial.

Neste comenos, alguém se lembrou de um parlamentar nortista, no caso, o Senador Almino.

De logo, S.M. externou o desejo de conhecer o jovem deputado, pedindo a sua presença que foi delicadamente desatendida, alegando Almino ser republicano e como tal não deveria subir ao Palácio de uma cabeça coroada.

Contudo, sendo-lhe apresentado o texto discutido, deu-lhe a tradução como o interpretava. Com ela, exultou o Imperador. E, como era de se prever em tais circunstâncias, Mecenas que era, mais intelectual do que imperante, disse para Almino que exigisse o que quisesse do seu Govêrno.

Por incrível que pareça, Almino pretendeu, apenas, a nomeação para si do cargo de Juiz de Direito de sua terra natal. O pedido foi satisfeito.

Faleceu a 13 de fevereiro de 1899, estando os seus restos mortais recolhidos no túmulo de sua mãe, identificado por uma lápide, onde se lêem, além de datas de nascimento e de morte, êstes dizeres: "PERTRANSIIT BENEFACIENDO".

Na gestão do Prefeito Álvaro Weyne foi sancionada a lei nº 314, de 25 de janeiro de 1929, que deu o nome de "Senador Almino Afonso" à antiga Rua do Arrecife, no Bairro da Prainha. Pela nomenclatura vigorante, que é ainda a de 1932, ficou simplificada para "Senador Almino".

Os "Logradouros de Fortaleza e suas Denominações", de Hugo Victor, anexo ao Relatório da "Administração Raimundo Araripe", período de 1936 e 1942, trazem uma resenha histórica do Senador, às páginas 356.

* * *

Penetramos, agora, na parte que interessa mais de perto o presente trabalho, isto é, na descrição pormenorizada da descendência de Antônio Leite de Chaves e Melo.

Para melhor compreender os liames em que se enredam os diversos membros da família, distribuimos o assunto em capítulos que tomaram os nomes dos filhos de Antônio Leite.

Os capítulos são autônomos e se ocupam, exclusivamente, da família e descendência que seu título sugere. As gerações que se sucederam dentro da família são tratados em colunas que se vão restringindo à proporção que passa de uma geração para outra, sempre antecipada da palavra: **neto, bisneto e trineto,** quando fôr o caso.

Destrincemos a prole objetivada.

CORONEL FRANCISCO JOSÉ LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO.

Criador e proprietário, residindo na fazenda "Recreio" (ex-"Queimadas"), situada em Independência. Era austero, de moral elevada e impôs-se como chefe de família e homem de bem. Exercia o **munus** patriarcal. Foi casado com Carolina Maria dos Santos, filha do Capitão da Guarda Nacional Rodrigo da Costa Azevedo, das "Queimadas", e de d. Maria Carolina dos Santos. O Capitão Rodrigo era irmão de José Rodrigo da Costa Azevedo, que era avô de d. Juana, esposa do Coronel Vicente Alexandrino, de Tauá. Neta pela linha paterna de Rodrigo da Costa Azevedo, do "Riacho Sêco", e de d. Maria Oliveira das Neves. Pela linha ma-

terna, neta do português Aurélio dos Santos Saavedra, tipo apolíneo e de incomum beleza, e de Josefa Ferreira de Castro Loiola.

Com os rigores da sêca de 1877, Francisco Leite, havendo perdido os seus haveres que se constituiam de gado, mudou-se para Campo Maior, no Piauí, onde recebeu a ajuda de uma cunhada.

Em 1880 transferiu-se para o lugar Santa Filomena, também do Piauí, tendo aí exercido importantes cargos públicos entre os quais o de Promotor (29). Sua espôsa foi Professora Pública.

É digno de nota, na descendência do Cel. Francisco Leite, o gôsto pelo nome Carolina, com o qual se apelidam vários netos e bisnetos. É uma como que renovação, através das gerações que se sucedem, do nome de sua consorte Carolina Maria dos Santos, que já trazia o nome de sua mãe: Maria Carolina dos Santos. Deixaram os filhos que a seguir se descrevem:

NETO. **CORNÉLIO DE CHAVES E MELO**. Casado com Santina, do Rio Grande do Norte. Proprietário do Seringal "Acaraí", na boca do Rio Jutaí. Houve seis filhos:

BISNETO. **CAROLINA**. Morreu inupa.

ORCINA. Casada com Olavo Bezerra. Industriai. Residente em Fortaleza. Houve uma filha única:

TRINETO. **ODETE**. Casada com Aurino Colares, irmão do poeta e jornalista Otacílio Colares. Residentes em Fortaleza.

BISNETO. **LAURA**. Casada com Edgard Scleider, neto de alemão. Não houve filhos. Residente no Rio de Janeiro.

ADELAIDE. Casada com Jaime Medina. Residente em Fortaleza. Êle, falecido. Ela, sócia da firma Chaves & Cia,, que explora a indústria de mosaicos. Houve três filhas:

TRINETO. **MARIA LAÍS**. Casada com José Cavalcante. Comerciante estabelecido em Fortaleza.

DORA e **TEREZINHA**; inuptas.

BISNETO. **NADIR**. Casada com o italiano Natali Rossi, construtor do Excelsior Hotel, o mais alto prédio em alvenaria do mundo (30). Já falecido. Era irmão de d. Pierina Rossi, viúva do milionário Plácido de Carvalho, e proprietária do "Palacete Plácido", dos edifícios "Excelsior", "Majestic" e de outros. Houve três filhos:

TRINETO. **ROSITA, MARILENE** e **CORNÉLIO**, inuptos (31).

BISNETO. **WALDER**. Faleceu solteiro, no Amazonas.

NETO. **ELPÍDIO DE CHAVES E MELO**. Nasceu a 27 de março de 1865. (32). Foi Contador dos Correios e Telégrafos no Amazonas e Advogado no Mato Grosso. Faleceu em Manaus em 18 de fevereiro de 1930. Casado com Zulmira Ginings, filha do americano Guilherme Ginings. Proprietário dos Seringais "Rio Preto", "São Pedro, "Boca do Jamari", "Conceição", "São Sebastião", "Igarapé do Indianópole", "Três Nações". Houve sete filhos:

BISNETO. **LINA**. Morreu inupta.

LILA. Casada com um alemão.

LIRLINA. Inupta. Residente em Nova York.
ALMIR. Casado com uma filha de italiano.
WALDIR. Estudante.
LUCI. Casada com o Dr. Ari Tapajós Campos, Procurador da República no Amazona, aposentado.
NAIR. Casada com Valdemar Medeiros, proprietário de uma farmácia em Manaus.

NETO. **MARIA CHAVES DA SILVA LISBOA** (Maricas). Residia na fazenda "Recreio" (ex-"Queimadas"). Casada em las. núpcias com o português bracarense Francisco Sebastião da Silva Lisboa, comerciante bastante ativo em Manaus e filho dos portugueses Henrique Sebastião da Silva Lisboa e de d. Leopoldina Augusta Xavier Monteiro (33). Dêste consórcio houve uma única filha: Leopoldina. Em 2as. núpcias d. Maricas casou-se com Francisco José Vieira (Major **Chiquinho**), filho de Francisco Vieira dos Anjos e de d. Maria Quitéria Coutinho, irmã do Cel. João Gomes Coutinho.

BISNETO. **LEOPOLDINA LISBOA GOMES COUTINHO**. Nascida em Manaus. Casada com o Dr. José Mateus Gomes Coutinho, filho do Ten. Cel. Miguel Gomes Coutinho e de d. Filomena Vieira de Macedo Coutinho, residentes e proprietários da fazenda "Pitombeira", Independência. O Dr. Coutinho, que nasceu a 21 de setembro de 1837, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife em 17 de dezembro de 1912, doutorando-se em Direito pela Faculdade do Ceará, onde defendeu tese, em 8 de dezembro de 1932. Tem livros de real merecimento (34). Exerceu as funções de Promotor Público em Pôrto Velho, no Amazonas. Foi Professor de Economia e Estatística do Curso Pré do Liceu do Ceará. (35). Ex-Ministro do Tribunal de Contas do Ceará. Rege, atualmente, uma cátedra de **Direito Civil** na Faculdade de Direito do Ceará.

NETO. **ALVINA DE CHAVES E MELO**. Casada com Tobias Lima, irmão do Magistrado e Sociólogo Dr. Adonias Lima, Membro do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará. Morou na cidade de Boston, nos Estados Unidos, durante 17 anos. Enviuvando, passou a residir no Rio de Janeiro. Houve três filhos:

BISNETO. **MARIA DO CARMO** (Santa). Casada com o Dr. João Huáscar de Figueiredo, Procurador Fiscal do Amazonas. Falecida. Houve uma filha:

TRINETO. **MARIA DE NAZARÉ FIGUEIREDO**.

BRANCA LIMA DO AMARAL. Casada com Alberto Amaral, natural de Sobral, industrial, residente no Rio de Janeiro e autor de vários trabalhos históricos ligados à sua cidade natal (36). Fabrica os conhecidos cofres "AMARAL". Houve três filhos que são:

TRINETO. **IVONE LIMA DO AMARAL**. Casada com o Deputado mineiro Astolfo Dutra, filho do Deputado Federal Pedro Dutra e de sua espôsa d.

Flávia Fernandes Dutra, família de tradições políticas nas terras das Alterosas (37).

ELZA e **ALBERTO AMARAL JÚNIOR**, inuptos.

BISNETO. **ANTÔNIO CASADO DE LIMA**, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, advogado, residente no Rio de Janeiro.

NETO. **LINA DE CHAVES E MELO (Dona)**. Casada com Antônio de Lira Pessoa, da família Lira de Sobral, irmão de José Domingues Pessoa e de Maria Lira (38). Era proprietário de quase todos os Seringais, os quais, depois de sua morte, passaram a pertencer ao seu cunhado Elpídio. Houve um único filho:

BISNETO. **ANTÔNIO CHAVES DE LIRA PESSOA (Menino de Ouro)**. Bacharelou-se em Direito, formado pela Faculdade de Manaus. A antonomásia provém da fortuna colossal herdada de seus pais. Era casado com d. Abigail Lima, irmã do Dr. Adonias Lima e do advogado Josias Lima.

LIDUINA DE CHAVES E MELO. Casada com o Desembargador Martinho de Luna Alencar, dos Alencares do Crato. Foi Promotor Público, Prefeito, Juiz de Direito e Procurador Geral do Estado do Amazonas. Enviuvando êle, casou-se em 2as. núpcias com Maria de Lima, que, com o falecimento do espôso, passou a residir em São Paulo. Não houve filhos.

LUÍS DE CHAVES E MELO. Doutor em Medicina pela Universidade de Chicago (por correspondência) e Farmacêutico pela antiga Escola de Farmácia do Pará. Autor de dois importantes trabalhos espiritistas: "Telvídio", em 1940, e "Manual da Religião Espírita", em 1941. Casado com Sancha de Melo Barbosa. Residente em Crateús. Houve os seguintes filhos:

BISNETO. **LINA DE CHAVES E MELO (Doninha)**. Formada em Obstetrícia pela Maternidade "Dr. João Moreira", de Fortaleza. Casada com Mamede de Melo Lima. Faleceu em Crateús (39), em 1948, deixando duas filhas menores.

TRINETO. **TERESA** e **CAROLINA**, inuptas.

LEONOR DE CHAVES E MELO. Casada com Expedito Pimentel Madeira. Residentes em Crateús.

MARIA DE NAZARÉ DE CHAVES E MELO. Inupta.

CAROLINA DE CHAVES E MELO. Faleceu inupta.

LUÍS DE CHAVES E MELO FILHO (Moço Santo). Cirurgião-Dentista pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará: Autor de vários trabalhos regionais ligados ao Ceará, insertos em revistas do sul do país. Casado com Diosquerida Távora Cunha. Residentes em São Paulo. Houve uma filha.

TRINETO. **SAGRAMOR CAROLINA**, menor.

CORNÉLIO DE CHAVES E MELO, solteiro, residente em Crateús.

ELPÍDIO DE CHAVES E MELO, solteiro, residente em Crateús.

SANCHA DE CHAVES E MELO (Mosinha), inupta, residente na casa paterna.

ANTÔNIO LEITE DE CHAVES E MELO

Levou vida displicente. Gastando perdulàriamente a sua herança, mudou-se para Maranguape. Era casado com Inês, da família Pinheiro do Riacho do Sangue. Falecendo-lhe a mulher, transportou-se para o Amazonas, onde veio a falecer anos mais tarde. Em virtude de ser Chaves pelos dois lados, materno e paterno, costumava assinar-se Antônio Leite Chaves Outra-vez, cujo procedimento era recriminado por seu pai, por injustificável. Do casal houve três filhos:

NETO. **BENVINDA**. Casou-se com Francisco de Sousa (Chicute), cearense, Comandante de vapor da "Amazon River".

BISNETO. **ENÉAS DE CHAVES E MELO**. Tesoureiro do Lóide Brasileiro, em Recife.

EUSÉBIO BEZERRA DE CHAVES E MELO. Funcionário do Banco do Brasil S.A., em Recife.

EURÍPEDES DE CHAVES E MELO. Residente no Rio de Janeiro.

ELISA DE CHAVES E MELO (Lili). Casada com o engenheiro civil Germano Paulo Franck, alemão, industrial, proprietário da fábrica "Usina Parangaba", situada no distrito de Fortaleza, que lhe emprestou o nome. O Dr. Germano foi um pioneiro da indústria de gesso no Ceará e era profundo conhecedor dos nossos problemas, havendo escrito u'a monografia sôbre as riquezas madeireiras do Amazonas e do Ceará. Houve cinco filhos:

TRINETO. **HERMANO CHAVES FRANCK**. Casado com Rute Maranhão Franck, filha do Dr. José Leite Maranhão, médico radicado em Fortaleza, e de d. Ecila Botelho, que é filha de Antônio Botelho de Sousa, chefe político que exerceu larga projeção em Maranguape (40). Houve dois filhos:

TETRANETO. HERMANO e **GERMANO**, menores.

FRANKLIN EPIFÂNIO CHAVES FRANCK, casado.

WALKIRIA FRANCK SCHLACTER. Casada com seu primo Paulo Augusto Schlacter, alemão. Residentes em Parangaba. Houve quatro filhos menores:

TETRANETO ISOLDA, MARGOT, HEIDRUT e **WILLY**.

ELZA, viúva.

MARIA ELISA. Formada em Química Industrial. Presta os seus conhecimentos na "Usina Parangaba".

BISNETO. **COTINHA BEZERRA DE CHAVES E MELO**. Inupta. Residiu em Manáus. Falecida.

BISNETO. **ELVIRA CHAVES BRASIL**. Casada com Alcino Montenegro Brasil, filho de Alcino Brasil e de d. Juana Montenegro Brasil e trineto do Comendador José Antônio Machado, rico comerciante português estabelecido em Fortaleza (41).

Descendem dêste ilustre lusitano, Maria Júlia (**Maroquinha** — Bn. 39), primeira espôsa do industrial cearense Pedro Filomeno Gomes; Maria Brasil Girão (Tn. 18), consorte do **Dr. Raimundo Girão, Ministro do** Tribunal de Co... do Ceará; Maria Carolina (En. 104), casada com o Dr. Jurandir Picanço, médico, e o Dr. Haroldo Juaçaba (Qn. 64), médico (42). Houve do casal, os menores:

TETRANETO. **ALCIRA,** falecida menina; **ALMIRES,** estudante; **ALCIR,** estudante; **ALCIRA** (2a.), falecida menina; **ALDIR,** menor; **ALCIDA,** menor.

BISNETO. **JULIETA DE CHAVES E MELO**. Casada com o comerciante português José Garcia. Residentes no Rio de Janeiro. Houve dois filhos.

NETO. **FRUTUOSO**. Casado com Angina, irmã de Santinha, mulher de Cornélio de Chaves e Melo. Seringalista.

ILDEFONSO LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO

Casou-se com Maria Joaquina Chaves (**Marocas**), prima legítima e filha de sua tia Maria Afonso de Chaves e Melo Pereira (**Mariazinha**). Moradores e proprietários em Martins, no Rio Grande do Norte, onde constituiram família e deixaram fortuna. **Marocas** faleceu às 8 horas do dia 29 de outubro de 1912 na cidade de Patu, no Rio Grande do Norte (43). São seus filhos:

NETO. **CLODOMIR EMILIANO DE ARAÚJO CHAVES**. Casado com Amélia, prima em 2º grau, neta de Emília que era irmã de sua mãe. Foi Promotor Público. Residiu em Patu, no Rio Grande do Norte. Deixou cinco filhos, dos quais um de nome: ,

BISNETO. **CELSA**. Casada. Houve três filhos.

NETO. **GODOFREDO EMILIANO CHAVES**. Casado com Maria das Dores Holanda. Morou no Rio Grande do Norte, no Amazonas e, depois, em Quixadá. Faleceu em Fortaleza, deixando cinco filhos:

BISNETO. **ORCINA**. Casada com Osmundo Meireles, residente no Rio de Janeiro, onde é comerciante.

MARIA HOLANDA (**Mariinha**). Casada com Aristóteles Holanda, seu primo. O pai de Aristóteles é irmão da mãe de **Mariinha**. Residem em Fortaleza e têm os seguintes filhos:

TRINETO. **HÉLIO, ARISTÓTELES, GODOFREDO, ZÉLIA, MARGARIDA (Margot)**, Cleide e mais três outros.

RAIMUNDA (**Mundoca**). Casada com José Pessoa de Queirós (**Zèsinho**). Ricos, moradores em Quixadá.

ILDEFONSO HOLANDA CHAVES. Médico, casado com Elza. Residente no Rio de Janeiro. Não houve filhos.

FRANCISCO DE HOLANDA CHAVES. Casado.

MANUEL LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO

Morou em Vertentes e depois em Independência, onde foi Coletor, ensinava e tinha recursos. Casou-se com Vitalina de Araújo Leite, prima carnal, filha de

Alexandre José Leite e de d. Ana, filha do Ten. Joaquim de Araújo Chaves. Houve oito filhos, dos quais: Almino, Alfredo e Abigail, morreram solteiros.

NETO. **JOVINA**. Casada com Antônio de Araújo Chaves (**Totônio**), do Merejo, Independência, cunhado de Belchior de Araújo Galvão. Não houve filhos.

ROSINA DE CHAVES E MELO. Casada com Joaquim José Santiago, moradores em Crateús. Houve dez filhos que se descrevem:

BISNETO. **JOAQUIM CHAVES SANTIAGO**, solteiro.

RAIMUNDO CHAVES SANTIAGO (**Mundico**), casado.

ARTUR CHAVES SANTIAGO. Casado com Didi, sua parenta. Houve dois filhos.

VALDIMIRO CHAVES SANTIAGO, solteiro.

FRANCISCO CHAVES SANTIAGO, casado.

OSTERNO CHAVES SANTIAGO. Casado com Eva Maria Souto, sua parenta, tia da espôsa de Artur Chaves Santiago.

MARIA CHAVES SANTIAGO. Casada com José Martins. Residentes em Fortaleza.

LÍDIA CHAVES SANTIAGO, inupta.

ELVIRA CHAVES SANTIAGO, falecida.

JÚLIA CHAVES SANTIAGO, inupta.

NETO. FILOMENA. Casada com o ricaço Clarindo. Em 2as. núpcias, com Rosendo, de Crateús. Não houve filhos.

ARCELINO DE CHAVES E MELO. Casado com Francisca Angélica, da família **Moqueca** (Pimentel Santiago), irmã da mãe de Moisés Pimentel, conhecido proprietário da "Casa Pimentel", em Fortaleza. Houve quatro filhas:

BISNETO. **ETELVINA**. Morreu inupta.

ROSÁLIA. Casou-se com Tito, filha de **Nanoca** Leite, filha de **Quim** Leite. Houve oito filhos.

ISAURA. Casou-se com Vicente Souto. Houve oito filhos.

ARCELINA. Casada com Francisco Souto, irmão de Vicente Souto. Falecida. Residentes em Vertentes. Houve cinco filhos

NETO. **MAROCA LEITE**. Casou-se no Amazonas, sem deixar família.

CAPITÃO JOÃO LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO

Quando o Cel. Francisco Leite transferiu a sua residência para Manaus, foi ao Capitão João Leite que a família passou a reconhecer como seu Patriarca, tomando-lhe os conselhos ponderados de um homem bom, pacato, trabalhador e, sobrelevando a tudo, honesto.

Foi casado com Ana Clarentino de Macedo, filha de João Clarentino de Sousa Oliveira e de d. Maria José Bezerra Lima, moradores e proprietários da fazenda "Dormideira", no distrito de Flores (hoje: Trici), de Tauá. Em família era conhecida por Mãe Nana. Ficou órfã de pai antes de 1877, e, nesta era, de mãe, no Piauí, para onde se mudara sua genitora quando enviuvara. Morta esta, voltaram Mãe Nana e os irmãos Lourenço, José e Maria Jácome, a última já casada. José foi-se embora para o Maranhão e Mãe Nana ficou em casa de d. Maria Francisca, prima legítima de seu pai e espôsa do Cel. João Gomes Coutinho.

João Clarentino, nascido na fazenda "Araújo", no Município de Independência,

era filho do português Sebastião Correia Pinto e de d. Juana de Sousa Oliveira. Como trataremos mais adiante, ao falarmos de d. Maria do Carmo de Oliveira, o Major Antônio de Sousa era pai de José de Sousa Oliveira e, êste, primo legítimo de João Clarentino, pai de Ana Clarentino de Macedo.

Maria José Bezerra Lima, filha de Lourenço Bezerra Lima e de d. Quitéria de Sousa Lima, ambos naturais de Pernambuco, donde vieram pela mão do Cel. João Alves Pereira da Costa e por sua mulher d. Maria Rosa Pereira de Lira, esta, irmã do Major Antônio de Sousa Oliveira.

Como se vê, entroncava Mãe Nana em duas famílias das mais nobres que se formaram nos engenhos de açúcar de Pernambuco, e, portanto, era com justo motivo que se orgulhava de sua ascendência ilustre.

Mãe Nana era mulher varonil. Dispunha o casal de minguados recursos, porém, graças ao regime de trabalho e ao equilíbrio doméstico, conseguiu fazer regular fortuna. Como boa família patrícia que era, diàriamente, antes do deitar, tirava um terço em família defronte de um artístico oratório onde tôda a família se ajoelhava contrita.

O Cel. João Alves Pereira da Costa foi o sesmeiro das terras da Cachoeira, Município de Tauá, à margem do Trici, onde erigiu uma casa, hoje em ruínas, que é conhecida como dos Paulas, por pertencer aos herdeiros do Dr. Paula Rodrigues. Nestas terras o Cel. João Pereira construiu, em 1877, duas barragens, uma particular, denominada "Açude Grande", outra pública, conhecida por "Açude do Govêrno". Esta última, já soterrada, e a outra, parcialmente. Ambas de pedra e cal. A espôsa do Cel. João Pereira era tia de José de Sousa Oliveira e de João Clarentino pai de Mãe Nana.

O Capitão João Leite era morador e proprietário da fazenda "Alves" em Vertentes. Adquirindo, anos mais tarde, a fazenda "Cachoeira", do Cel. João Pereira, para lá se transferiu em 1914.

Antônio Bezerra, na sua obra já referida, viajando de Vertentes para Tauá, diz que "A noite ia bastante adeantada para que podêssemos alcançar a vila de S. João do Príncipe, por isso aparecendo as primeiras casas da Cachoeira, 6 quilômetros aquem, pedimos agasalho e arranchamo-nos na última do lado sul. Cachoeira se acha em situação favorável. Tem açude de pedra e cal, excelentes vivendas espalhadas aqui e além, alguns olhos d'água, e dão-lhe perspectiva agradável bastas quintas de cajueiro entremeadas de grupos de coqueiros" (ps. 204-205).

A descrição foi perfeita e ainda hoje ajustável, pois em nada se modificou. Muito embora encravada em lugar descampado, por um milagre da natureza, brotam de suas terras férteis, em ricos veios, inesgotáveis olhos d'água que têm sido o pomo de muitas questões.

Os coqueiros, que eram menos de dez pés ao tempo em que Antônio Bezerra os viu, hoje ascendem a mais de duas dúzias com o replantio que fêz o Cap. João Leite.

Quanto aos cajueiros, plantas exóticas naquelas paragens, resultaram de uma experiência que não ofereceu os resultados esperados. Ou por que a lida da criação fizesse esquecer a agricultura, mòrmente a de pomar, ou por que tenha sobrevindo, prematuramente, a morte do seu incentivador, o fato é que os cajueiros já não mais existem na paisagem cachoeirense, deles perdurando sòmente referências geográficas. São elas o "Açude do Cajueiro", pequena barragem de pedra e cal que se destinava a refrescar os terrenos onde eram cultivados os espécimes transplan-

tados àquelas plagas, e a "Pedra do Cajueiro", lugar onde o "velho Cajueiro", como era conhecido popularmente o seu plantador, descansava, no caminho da vila, com a sua carga de rubincudos anarcádios.

A casa onde Antônio Bezerra pernoitou era a do Cel. João Pereira, que depois pertenceu ao Cap. João Leite, visto ser ela, ao tempo de sua passagem, a única do extremo sul. As que hoje existem são dêste século.

Perdendo os seus haveres na terrível sêca de 1932, o Cap. João Leite mudou-se para Floriano, Piauí, onde morreu em 1934, com a provecta idade de 83 anos. De sua descendência contam-se oito filhos e trinta netos que são:

NETO. **FRANCISCA LEITE SOARES**. Casada com José Soares **(Zé da Mata)**, da família Pedrosa, de Tauá. Já falecida. Houve oito filhos, todos casados, como passamos a enumerar:

BISNETO. **JOÃO LEITE SOARES (Juca)**, casado.

ANA LEITE SOARES, casada.

JOSÉ LEITE SOARES, casado.

ANTÔNIA LEITE SOARES, casada.

FRANCISCA LEITE SOARES, casada.

MARIA LEITE SOARES, casada.

LUÍSA LEITE SOARES, casada.

FRANCISCA LEITE SOARES, casada.

NETO. **ANA LEITE JURITI** Casada com Justiniano Justo Juriti, da família Carcarás. Êle, falecido. Dêste consórcio houve uma única filha:

BISNETA. **MARIA DO SOCORRO CAÇULA PRIMEIRA**, inupta.

MARIA LEITE CLARENTINO (Nenem). Casada com seu primo pelo lado materno João Clarentino de Macedo. Homem rústico, trabalhador e independente. Vejamos a sua prole:

BISNETO. **FRANCISCA LEITE CLARENTINO**. Casada com Sitônio, irmão de seu tio-a-fim José Soares **(Zé da Mata)**. Houve sete filhos.

RAIMUNDO LEITE CLARENTINO, solteiro.

ANA LEITE CLARENTINO, inupta.

MARIA DE NAZARÉ LEITE CLARENTINO, inupta.

LUÍSA LEITE CLARENTINO. Casada. Moradores e proprietários em Cachoeira, Tauá.

CÍCERA LEITE CLARENTINO, inupta.

NETO. **ANTÔNIO LEITE DE CHAVES E MELO** (por apelido: **Padre Leite**). É pessoa simples, trabalhadora e honrada. Casou-se com uma prima pelo lado paterno: Maria Rosa de Chaves e Melo, filha de José de Sousa Oliveira e de Maria do Carmo de Oliveira (**tia Carminha**). Residentes em Vertentes. Houve nove filhos, dos quais quatro morreram na primeira infância:

BISNETO. **ALCINA DE LIRA CHAVES**, inupta.

ALZIRA DE LIRA CHAVES. Casada com José de Sousa Lira (**Zeca**), primo legítimo, filho de Raimundo Gomes Coutinho de Macedo e de Alvina de Lira Coutinho. Moradores e proprietários em Vertentes.

ALCEU DE LIRA CHAVES. Casado com sua prima Raimunda Coutinho Chaves (**Sinhá**), filha de Raimundo Gomes

Coutinho e de Alvina de Lira Coutinho. Moradores e proprietários em Vertentes.

ALCENSO DE LIRA CHAVES, solteiro.

JOÃO LEITE DE CHAVES E MELO NETO, solteiro.

NETO. **FRANCISCO LEITE DE CHAVES E MELO**. Casado em 1as. núpcias com Francisca (**Chicó**), filha de Antônio Décimo de Araújo Chaves, filho de Anacleto e de Josefa, filha de João Mázio, e de Maria Leopoldina de Araújo Lô, filha de Manuel Martins Chaves (Capitão Lô) e de Maria, filha do Dr. Antônio Leopoldino de Araújo Chaves (44). Enviuvando, casou segunda vêz com Maria da Glória (**Mãezinha**), irmã de sua primeira espôsa. Do primeiro leito, houve dois filhos. Do segundo, quatro. Sargento reformado, tem exercido as funções de Delegado em vários municípios cearenses.

BISNETO. **OSCAR DE ARAÚJO CHAVES**, casado.

IRISMAR DE ARAÚJO CHAVES, faleceu inupta.

NOEME DE ARAÚJO CHAVES, inupta.

FRANCISCO DE ARAÚJO CHAVES, solteiro.

JOSÉ DE ARAÚJO CHAVES, solteiro.

NAIR DE ARAÚJO CHAVES, inupta.

NETO. **RAIMUNDO LEITE FEITOSA**. Casada com Manuel Baleco Feitosa, filho de Franklin Alves Feitosa, que era casado com sua prima legítima Ana Alves Feitosa, moradores e proprietários da fazenda "Carnaúba", no riacho TEODÓSIO, Tauá. Êle era filho de Manuel Alves Feitosa (**Baleco**) e de Ana, filha de João Alves de Lima. Ela, filha do Cel. Joaquim Alves Feitosa (Major **Quim**) que foi Deputado Provincial representando o 1º Distrito (São João do Príncipe de Tauá) no biênio 1868-1869 (45) e era irmão gêmeo de Francisco Alves Feitosa (Major **Chiquinho**). Era sua espôsa, d. Maria Madalena, filha do Tenente Joaquim de Sousa Vale. Os avós de Manuel Baleco, que foram irmãos, eram filhos do Capitão Pedro Alves Feitosa, do Cococá. Manuel Baleco era trineto do Ten. Cel. Eufrásio Alves Feitosa, do Estreito, do Sargento-mór Leandro Custódio de Oliveira Castro e de Ana Gonçalves Vieira Mimosa (**Mãe Donana**, do Cococi); tetraneto, por duas vêzes, do Cel. Eufrásio Alves Feitosa, do Arneiroz, do Cap. mor Pedro Alves Feitosa, do Papagaio, do Cap. Bernardo Freire de Castro, Senhor de Tamantaduba, no R.G. do Norte, do fabuloso Capitão-mór José Alves Feitosa e do Coronel Manuel Martins Chaves, a vítima inocente do Governador João Carlos de Oeynhausen; e, finalmente, pentaneto do Coronel Francisco Alves Feitosa, o plantador de fazendas de criar do Alto Jaguaribe que se tornaram povoados, vilas e cidades.

Por sua vez, enredando-se através da família Araújo, vamos encontrar para Raimunda Leite, partindo de sua avó paterna, d. Josefa Alves Feitosa (46), a mesma orígem do seu marido que é Manuel Martins Chaves, visto como o "rico colono" residente em Penedo, Alagoas, casou duas de suas filhas, uma com João Alves Feitosa, tronco desta família no Brasil, e a outra com Antônio de Sousa Carvalhedo, que deu origem à família Araújo, profundamente ramificada com a Feitosa. Dêste consórcio houve quatro filhos que são:

BISNETO. **IOLANDA FEITOSA SANGUINETTI**. Casada com o Dr. Dinaldo Sanguinetti, Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, filho de pai italiano e de mãe brasileira. Residentes no Recife. Têm três filhos menores.

TRINETO. **MORIZZA, PIETRO E GIOCONDA**.

CARLOS FEITOSA. Declarado Aspirante a Oficial da Reserva do Exército Brasileiro, formado pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), de Fortaleza, em 25 de agôsto de 1944. 2º Tenente por Carta Patente de 12 de agôsto de 1949, assinada pelo Presidente da República, o Marechal Eurico Gaspar Dutra e referendada pelo Ministro da Guerra, o General Canrobert Pereira da Costa. Bacharel em Direito pela Faculdade do Ceará, em 1950 (47). Bacharel em Geografia e História e Licenciado nas mesmas disciplinas, respectivamente, em 1950 e 1951, tendo cursado a Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. Juiz de Direito da Comarca de Jucás (48)

HUMBERTO LEITE FEITOSA. Faleceu solteiro, aos 17 anos, em 15 de fevereiro de 1936, em Fortaleza.

ALDENORA FEITOSA SOARES. Casada com o Dr. João Gualberto Soares, Agrônomo, diplomado pela Escola de Agronomia do Ceará, descendente da família Teodoro, de Santa Cruz, filho que é de Messias Teodoro Soares. É irmão do influente chefe político Aprígio Soares (49).

NETO. **ELVIRA LEITE CHAVES**. Casada com Jean Chave, francês de Marselha. Residentes em Fortaleza. Não têm família.

JOÃO LEITE DE ARAÚJO FILHO (Joca). Casado. Seringalista.

Quando em 1951 o Cap. Gerson de Oliveira organizou uma expedição que rumou às malocas dos "Boca Negra" em busca de um suposto branco que acreditava ser seu irmão o Ten. Fernando de Oliveira, perdido nas matas amazônicas, recebeu de **Joca** a colaboração desinteressada e eficiente havida como imprescindível em face de sua experiência, aurida do convívio de dezenas de anos com a indiada e com o meio selvático.

O fato foi largamente noticiado pelo jornal "A MANHÃ", do Rio, que se fêz representar na expedição pelo jornalista Álvaro Gonçalves. O enviado do grande jornal carioca remeteu para a redação farto noticiário dos trabalhos da expedição, sempre acompanhada de "clichês" onde se notava a presença constante de **Joca** orientando as pesquisas em busca do desventurado oficial.

MARIA MARCOLINA LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO

Morreu solteira em Vertentes em casa de sua irmã Maria do Carmo de Oliveira (**tia Carminha**). Era muito piedosa.

MARIA JOAQUINA LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO (**Santa**)

Faleceu inupta em Martins, Rio Grande do Norte, em casa de seu irmão Ildefonso. Era cheia de virtudes.

MARIA DO CARMO DE OLIVEIRA (Carminha)

Uma das mais novas dentre as irmãs e faleceu com a avançada idade de 99 anos.

Foi casada com José de Sousa Oliveira, filho do Major Antônio de Sousa Oliveira e de d. Ana Pereira Lira, natural de Quixeramobim, moradores e proprietários da gazenda "Mulungu", no Município de Independência.

José de Sousa era irmão de D. Maria Francisca, espôsa do Cel. João Gomes Coutinho. Ambos eram sobrinhos de Juana de Sousa Oliveira, avó de Ana Clarentino de Macedo, que por sua vez era concunhada de José de Sousa Oliveira, como já vimos ao abordarmos o Cap. João Leite.

Desfrutando da amizade do seu cunhado, o Cel. João Gomes, José de Sousa exerceu vários emprêgos públicos em Vertentes. Houve sete filhos que são:

NETO. **JOSEFA DE SOUSA LIRA** (Zefinha). Casada com seu primo Domingo Francisco de Macedo, filho de José de Sousa Lira. Houve dez filhos que são:

BISNETO. **FRANCISCA INÁCIA DE MACEDO**. Casada com João Alfredo. Houve oito filhos.

MARIA DE SOUSA LIRA. Casada com Luís Francisco de Oliveira. Houve nove filhos.

ANTÔNIO DE SOUSA LIRA. Casado com Teonilha Pacífico de Sousa. Houve cinco filhos.

EMÍLIA DE SOUSA LIRA. Casada com Luís de Sousa Lira. Houve cinco filhos.

RAIMUNDO DE SOUSA LIRA. Casado com Maria Carmelina de Sousa. Houve 13 filhos.

DOMINGOS DE SOUSA LIRA, solteiro.

ENÉAS DE SOUSA LIRA, solteiro.

ABDIAS DE SOUSA LIRA.

RITA DE SOUSA LIRA. Casada com José Agostinho. Houve seis filhos.

NETO. **JOÃO DE OLIVEIRA LIRA**. Casado com Maria Góis de Lira, do Amazonas. Houve uma filha única:

BISNETO. **ALVINA PEREIRA LIRA** (Alvininha). Casada com Laudelino de Araújo Chaves, filho de Antônio Biano de Araújo Chaves e Cecília. Houve cinco filhos, morreu de parto do último que tem o seu nome e mora com Antônio Leite de Chaves e Melo, em Vertentes.

FRANCISCO DE SOUSA LIRA. Casado com Francisca de Sousa Lira, filha de Nanuca. Houve nove filhos:

BISNETO. **LUÍS DE SOUSA LIRA**. Casado com Raimunda Alves e Lira. Houve seis filhos.

FRANCISCO PEREIRA LIRA. Casado com Francisca Pereira da Silva. Houve cinco filhos.

ANANIAS PEREIRA LIRA, solteiro.

ANTÔNIA PEREIRA LIRA. Casada com Domingos Pereira de Sousa. Houve cinco filhos.

MARIA DE SOUSA LIRA. Casada com Luís Alves da Silva. Houve cinco filhos.

MANUEL DE SOUSA LIRA, solteiro.

HORTÊNCIA DE SOUSA LIRA. Casada com Francisco Alves da Silva. Houve três filhos.

PERPÉTUA DE SOUSA LIRA, inupta.

RAIMUNDO DE SOUSA LIRA. Casado com Petronilha de Sousa Lira. Não houve filhos.

NETO. **MARIA ROSA DE CHAVES E MELO**. Casada com seu primo pelo lado materno Antônio Leite de Chaves e Melo, filho do Cap. João Leite de Araújo Chaves e Melo e de Ana Clarentino de Macedo. Houve cinco filhos que já foram descritos ao tratarmos da descendência do Cap. João Leite. Residem em Vertentes.

ALVINA DE LIRA COUTINHO. Casada com Raimundo Gomes Coutinho, filho do Cel. João Gomes Coutinho. Houve 9 filhos.

BISNETO. **JOÃO CUNEGUNDES GOMES COUTINHO**. Casado com Raimunda Vieira Coutinho (**Sinhàzinha**). Não houve filhos.

EMÍLIA COUTINHO DE ARAÚJO. Casada com Francisco José (**Chico Marinheiro**). Houve sete filhos.

MARIA LIRA COUTINHO (Lina). Casada com seu tio Antônio Pereira Lira. Houve quatro filhos.

LEONÍSIA LIRA COUTINHO. Casada com Luís Telminio de Macedo. Houve dois filhos.

FRANCISCA COUTINHO DE ARAÚJO. Casada com José Araújo Mota. Houve quatro filhos. Falecida.

EDMÉIA COUTINHO DE ARAÚJO. Casada com seu cunhado José de Araújo Mota. Houve dois filhos.

JOSÉ DE SOUSA LIRA (**Zeca**). Casado com sua prima Alzira Lira Chaves, filha de Antônio Leite de Chaves e Melo. Houve dois filhos.

ANTÔNIO DE LIRA COUTINHO (**Tonico**), solteiro.

RAIMUNDA COUTINHO CHAVES (**Sinhá**). Casada com seu primo Alceu de Lira Chaves, filho de Antônio Leite de Chaves e Melo. Houve um filho.

NETO. **ZACARIAS DE SOUSA LIRA**. Casado com Cícera de Sousa Lira, filha de **Nanuca**. Não houve filhos.

ANTÔNIO PEREIRA LIRA. Casado em 1as. núpcias com Maria Ferreira, de Acopiara (ex-Afonso Pena). Em 2as. núpcias com Alzira (**Sinhá**), mulher de rara beleza, de quem houve três filhos. Em 3as. núpcias com sua sobrinha Maria Lira Coutinho (**Lina**), filha de Alvina de Lira Coutinho, de quem houve quatro filhos.

DIOLINDO DE SOUSA LIRA, faleceu solteiro.

MARIA DA GLÓRIA LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO

Casada com seu primo carnal José de Araújo Leite, filho de Alexandre José Leite e de d. Ana, filha do Ten. Joaquim de Araújo Chaves. Morou no Piauí, no mesmo lugar onde viveu o seu cunhado e parente Joaquim Álvares Afonso (**Quincas Ourives**). Houve dois filhos, um dos quais:

NETO. DONA.

MARIA LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO

Casada com Manuel de Araújo Leite, filho de Alexandre José Leite e de Ana, filha do Ten. Joaquim de Araújo Chaves. Residentes em Virtudes.

ANA LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO (Bem)

Casada com Aurélio da Costa Azevedo, moradores na vila de Buquinha, seis léguas de Teresina, Piauí. Houve vários filhos dos quais: Maria (**Dona**), casada com José Rodrigues e residentes no sítio "Jatobá", no Município de Pimenteiras, Piauí; a mulher de **Chico Germano**, residentes em Teresina, Piauí; dois oficiais do Exército que fizeram o Colégio Militar do Ceará; e houve mais outros.

RITA LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO (Ritinha)

Casou-se duas vêzes, não deixando família de nenhum dos matrimônios. O marido do segundo leito descendia dos Brilhantes, do Rio Grande do Norte. Na viuvez, morou em casa de d. Leopoldina Lisboa Gomes Coutinho, em Pôrto Velho.

EUFROSINA LEITE DE ARAÚJO CHAVES E MELO

Casada com Joaquim Álvares Afonso **(Quincas Ourives)**, neto de Manuel Álvares Afonso. Morou no Piauí.

* * *

Pela leitura dêste trabalho, vê-se que a progênie de Antônio Leite de Chaves e Melo se esteia no mais puro elemento português, provindo de "distinta família da Ilha Terceira" e que se foi enriquecendo com a contribuição de sangue novo recebida de indivíduos que vieram integrar-se a ela, oriundos de variadas nacionalidades, tais, como alemães , franceses, italianos, americanos e, sobretudo , portuguêses.

Observem-se, ainda, duas fases distintas na sua evolução. Uma, de convergência por casamentos endogâmicos, quer dizer, de pessoas do mesmo grupo étnico, como resultante da permanência do "habitat" em que se formou, de resultados desastrosos pela estagnação em que permaneceu. Outra, de expansão, ocasionada pela dispersão de seus membros no meio geográfico onde atuavam.

Esta última fase, embora tenha afetado o congraçamento do laço familial, foi, contudo, a mais rica pelo sangue novo que prenou para o seu seio, concorrendo para o melhoramento do espécime e, consequentemente, projetando-o socialmente melhor.

Eis, delineada em largos traços, a trajetória descrita por Antônio Leite e sua prole no cenário político e social da terra alencarina.

N O T A S

(1) A êsse respeito disse o Barão de Studart: "Com relação a Francisco Xavier que, creio, voltou ao Brasil e tinha o apelido de Redondo, ignoro como e quando saiu de Limoeiro, sei, porém, que teve uma filha de nome Antônia, que

casou com Antônio Ferreira Sampaio e que dêsse casamento proveio Antônio de Sampaio, o heroico cearense, tão notável pelos seus feitos militares". (**João Carlos Augusto de Oeynhausen e Manuel Martins Chaves, in** "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", tomo XXXII, 1919, p. 21).

Nesta mesma fonte abeberou-se Eusébio de Sousa ao elaborar o seu livro "SAMPAIO — Patrono da Infantaria". Veja-se a nota nº 1 ao pé da página 21 — Edésio — editor, Fortaleza, 1938.

(2) Leia-se êsse passo do Barão de Studart: "Para acirrar a animosidade entre êles (Manuel Martins e Barbosa Ribeiro), havia também o ciume originado das preferências que o Governador Montaury mostrava por Barbosa e de último a eleição dêste para Juiz ordinário" (op. cit., p. 8).

(3) **Eis como no tocante se reporta o Sr. Francisco do Vale Pedrosa**, neto do Coronel Manuel Martins Chaves, em documento particular: "quem mandou matar o tal Juiz foi o Tenente-Coronel Antônio da Costa Leitão e o sobrinho o Cap. mór Bernardino Gomes Franco, por via de Barbosa ter dado uma sentença contra o Tenente-Coronel por espírito de intriga da Fazenda Cachoeirinha (esta fazenda pertencia a Antônio da Costa Leitão), e o Cap.-mór Bernardino por via de tal Juiz ter morto um rapaz do Cap.-mór...". (**O Coronel Martins Chaves**: Leonardo Feitosa, "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", tomo XLII, 1928, p. 27.

Êste documento está transcrito na íntegra em as páginas 146 a 148 do **Tratado Genealógico da Família Feitosa, de Leonardo Feitosa**, 1952.

(4) Consulte-se o documento nº 1 dos existentes no Arquivo Público Nacional a respeito de Martins Chaves, copiados e oferecidos pelo Barão de Vasconcelos ao Instituto do Ceará. (Rev. do Inst., 1927, p. 134).

(5) Ver a biografia do Dr. Thomaz José Leite de Chaves e Melo em o "Dicionário Biobibliográfico" do Barão de Studart.

(6) Veja-se a obra referida em a nota nº 1.

(7) "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", 1927, p. 138.

(8) "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", 1927, p. 134.

(9) **Datas para a História do Ceará**, do Barão de Studart, in "Rev. do Inst. do Ceará", 4º trim., tomo X, 1896, p. 371.

(10) **Datas para a História do Ceará**, do Barão de Studart, in "Rev. do Inst. do Ceará", 4º trim., tomo X, 1896, ps. 373/374.

(11) Para a narração dos fatos como aqui descrevemos, valemo-nos da obra do Dr. Pedro Théberge: **Esbôço Histórico sôbre a Província do Ceará**, cap. XII, ps. 22/23.

(12) Em publicação inserta no "Unitário" de 23 de abril de 1948, diz-se que d. Carmélia, digna consorte do Marechal Eurico Gaspar Dutra, já falecida, era filha do Cel. Antônio Leite. É parentesco que carece de fundamento. Até mesmo porque dita comunicação não foi assinada e está eivada de muitos senões, razão por que o seu conteúdo deve ser recebido com as devidas cautelas.

(13) Indico para os interessados as páginas 158 e 163 do "Tratado Genealógico da Família Feitosa", de Leonardo Feitosa, 1952.

(14) Ocorrência similar verificou-se com José Martiniano de Alencar que se casou com d. Georgina, neta do famigerado Almirante Cochrane que concedeu anistia a todos os implicados na Revolução de 1824, com exceção do patriota Tristão Gonçalves, tio de Alencar. (**José Martiniano de Alencar**: Barão de Studart, "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", 1927, p. 20).

(15) Não tem procedência a alegação feita de que a verdadeira grafia do nome da família seja Alves e não Álvares, dizendo-se, desta última, cuidar-se de invencionice do Desembargador Martinho de Luna Alencar, afim da família, que pretendeu dar-lhe cunho aristocrático, aliás, de que não necessitava. O argumento de que a fazenda de Antônio Leite se chamava "Alves" não calha, por que êste é o resultado de um processo de plebeização em que incidiu a palavra. É **Álvares** que os nossos ancestrais escreviam os seus apelidos, cuja pronúncia é guardada pela tradição. Era dêste modo que o Senador Almino Álvares Afonso declinava o seu onomástico, bem assim, o seu pai, Francisco Manuel Álvares Afonso, e os outros. Recorda-se que tia Ritinha, referindo-se a Manuel Álvares Afonso Leite, chamava-o de "meu tio Manèlàve", com uma tônica bem acentuada, que nos leva a crer se trate, realmente, de **Álvares** e não de **Alves**. Cogitando-se de "distinta família", na veraz expressão do Barão de Studart, por conseguinte tradicional é óbvio que a palavra viesse sendo conservada, **in totum**, pelos nossos antepassados

(16) "Notas de Viagem" (Parte do Norte): Antônio Bezerra de Meneses, p. 201.

(17) Antônio Bezerra de Meneses, obra citada, p. 202.

(18) Antônio Bezerra de Meneses, obra e lugar citados.

(19) Eis como se expressou o saudoso historiador: "É lugar pequeno, mas alegre, populoso e de algum comércio.

Consta de larga praça, rodeada de casaria de velha aparência, sobressaindo,

no entanto, pelo meio delas algumas com a frente alta, de sacada, ao jeito das que se constroem na capital.

Diversas lojas regularmente sortidas indicam que aqui ha um pouco de vida, de movimento; pois que a tôda hora se vê indivíduos que falam, que conversam, que mercadejam, e à vista dêsse contínuo arruido, nota-se um certo ar de prosperidade, que não se encontra na quase desabitada vila de Independência.

Sua igreja elevada, de proporção mais que regular, precisa ainda de algum serviço para ficar concluída.

As terras adjacentes ao riacho Marejo que lhe corre ao pé, estendendo-se pelo lado ocidental, são fertilissimas, e os habitantes as aproveitam, durante a estação sêca, para plantar cereais e diversas cucurbitaceas" (**op. cit.**, p. 201).

(20) Seja lido o verbete **Vertentes** no "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Ceará", do Des. Álvaro Gurgel de Alencar, 2a. edição, 1939, p. 407. Leia-se, por igual, o livro "O Ceará", de Antônio Maritns Filho e Raimundo Girão, 2a. edição, p. 280.

(21) Ver a nota nº 4.

(22) Agripino Grieco na crônica intitulada, **Cearenses na Paraíba do Sul**, nos dá o por que da adoção do nome **Ratisbona**.

Tratando do Dr. Leandro de Chaves e Melo Ratisbona, diz: "Aliás era Leandro Bezerra e o Ratisbona escolheu-o êle para homenagear o lugar em que Napoleão, mesmo ferido numa perna, ainda teve deesnvoltura e destemor para cavalgar o fogoso cavalo árabe, ao que se infere do pincel lisongeiro de Horace Vernet" ("Rev. Trim. do Inst. do Ceará", 1929, ps. 377/378).

(23) Ver a biografia no "Dicionário" do Barão de Studart.

(24) "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", 1922.

(25) "Liceu do Ceará em Cem Anos" (19.10.1945), p. 23.

(26) Veja-se a notícia biográfica "Leandro Bezerra Monteiro", do Dr. José Bonifácio de Sousa, 1945. O Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e d. Rosa Josefa do sacramento que eram avós paternas do Dr. Leandro Bezerra Monteiro (obra referida, p. 7), foram, igualmente, os bisavós do Dr. Leandro de Chaves e Melo Ratisbona, conforme os seus dados biográficos que se encontram no Dicionário de Studart.

(27) Ver biografia no Dicionário de Studart.

(28) Consulte-se a indicação da nota precedente.

(29) Segundo o Mons. Vicente Martins, "Diocese de Sobral", 1º vol., p. 178, Francisco Leite foi Deputado Estadual no Amazonnas, de cuja Assembléia foi Presidente.

(30) Por duas vêzes a seção **Nem Todos Sabem**... de O POVO de Fortaleza, veiculou esta assertiva.

(31) Após a morte de seu pai, Cornélio teve o nome retificado para Pedro Natali Rossi (DIÁRIO OFICIAL do Estado de 7 de agôsto de 1954 e JURISPRUDÊNCIA E DOUTRINA de José Josino da Costa, tomo 12, p. 214/215).

(32) Conforme "O Ceará" de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, 2a. edição, p. 281. Da data de nascimento diverge o Mons. Vicente Martins, **op. cit.**, p. 179, dando-a como ocorrida em 17.3.1863. Ao que nos parece, trata-se de simples engano e não de discordância, em face da semelhança das letras utilizadas: ali — 27.3.1865; aqui — 17.3.1863. Ou, mesmo, êrro tipográfico. O UNITÁRIO de 1º de abril de 1951, na seção **Efemérides Cearenses**, firmando-se talvez em "O Ceará", alude a 1865.

(33) A mãe de d. Leopoldina Augusta era Viscondessa e estava ligada à Casa de Bragança, tendo, segundo consta, dezesseis nomes.

(34) "O Ceará", autores citados p. 281.

(35) "O Liceu do Ceará em Cem Anos" (19.10.1945).

(36) O Sr. João Alves de Albuquerque no seu livro "Cearenses no Rio e em São Paulo", 3a. edição, 1942, às páginas 107/109, transcreve do "Album Comemorativo do Centenário de Sobral", confeccionado pelo jornalista Craveiro Filho, uma resenha biográfica do sr. Alberto Jaime do Amaral.

(37) O suplemento em rotogravura de **A MANHÃ**, do Rio, de 4 de abril de 1948, estampou três fotografias apanhadas durante o **conjugo vobis**, da liturgia católica. O casamento foi celebrado na Igreja da Candelária.

(38) Mons. Vicente Martins, **op. cit.**, 2º vol., p. 206.

(39) Leia-se a notícia **D. Lina de Chaves e Melo**, vinda à lume no UNITÁRIO, de 24 de abril de 1948.

(40) **Contribuição ao Estudo Genealógico das Principais Famílias de Milagres** (Família Coité), do dr. José Leite Maranhão, **in** "Rev. do Inst. do Ceará", tomo LXIV, 1950, ps. 266/267.

(41) Joaquim de Araújo Chaves, de "Santa Luzia", sogro de Antônio Leite, de cuja descendência ora nos ocupamos, era primo legítimo do Coronel João de

Araújo Chaves, do "Estreito" que era íntimo e correligionário do Coronel José Antônio Machado. O Des. Paulino Nogueira, ao fazer a defesa da injusta acusação que sofrera o Comendador por parte do Presidente Nunes Berford, transcreve algumas cartas trocadas entre ambos, por ocasião da sêca que abrangeu os anos de 1825/1827, cujas atividades em prol dos flagelados valeu aos dois, Coronéis José Antônio Machado e João de Araújo Chaves, o serem agraciados com o **Hábito de Cristo**, no ensejo do natalício do Imperador (Ler **O Cel José Antônio Machado Injustamente Acusado pelo Presidente Coronel Antônio de Sales Nunes Berford — Sêca de 1925 a 1827, in** "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", tomo IX, 1895, ps. 291/329).

(42) Ver página 12 de "O Comendador José Antônio Machado e sua Descendência", 1943, da autoria do dr. Raimundo Girão, separata do tomo LVI, 1942, da "Rev. do Inst. do Ceará".

(43) Como se pode verificar do assento de óbito nº 20, às fls. 96, do livro nº 2, do Cartório do 1º Ofício da cidade de Patu, no Rio Grande do Norte.

(44) Consulte-se o "Tratado Genealógico da Família Feitosa" de Leonardo Feitosa, 1925, ps. 158, 166 e 169.

(45) Veja-se **Deputados da Antiga Província do Ceará,** relação inserta na "Rev. Trim. do Inst. do Ceará", 1914, p. 72. Como também, "Deputados Povinciais e Estaduais do Ceará" de Hugo Victor Guimarães, 1952, ps. 35 e 322.

(46) Mando o leitor abeberar-se na obra de que se ocupa a nota nº 44.

(47) Examinem-se as folhas de Fortaleza, O NORDESTE e JORNAL DA MANHÃ, respectivamente, de 13 e 14 de dezembro de 1950.

(48) Seja manuseado o **"Anuário do Ceará"** de Waldery Uchôa, 1953, p. 286.

(49) "Diocese de Sobral", de Mons. Vicente aMrtins, ps. 122, 123 e 129.